



## Editorial

Refletir sobre a prática e praticar a reflexão

No Museu Nacional de Tóquio há algumas imagens cujo tema era comum entre os pintores taoístas: dois monges sorridentes e brincalhões, Han-Shan e Shi-De, em um gesto qualquer, numa cena prosaica. Em todas as representações, Shi-De aparece portando uma vassoura e em algumas delas Han-Shan porta um pergaminho. Esse casal de monges simboliza a alegre convivência entre a teoria e a prática.



Shide (Shih-te) e Hanshan (Han-Shan). Imagem 1: atribuída a Tensho Shubun, meados do século XV, Japão. Imagem 2 e 3: Yen Hui, século XIV, China. Fonte: <http://www.chinapage.com/poem/hanshan/shide.html>.

Essas imagens provavelmente eram maneiras de relembrar àqueles não tão monges e iluminados a necessidade salutar dessa boa convivência. Vamos chamar a sinergia dessa amizade de “Práxis”. A dificuldade maior, entre o pergaminho e a vassoura, talvez esteja na medida, relação e articulação entre as coisas. Sinergia é palavra fácil de dizer, e difícil de garantir. Está no polo oposto da entropia, o lento esfriar dos sistemas. Todos aqueles que trabalham com processos de elaboração de projetos de trabalho certamente experimentam essa dificuldade – uma vez que elas não estão em nenhuma receita e cada caso tem a sua medida.

Da mesma forma que é impossível separar o gesto criativo das articulações mentais que lhe serviram de território e motor, também é inútil tentar fazer a criatividade residir na obra e

a reflexão, na crítica. Criação sem reflexão é algo tão estéril quanto crítica sem imaginação.

Sánchez Vázquez (1977), em seu livro *Filosofia da Práxis*, pondera que, embora o termo “práxis” seja etimologicamente aparentado com o termo “prático”, a sua utilização se faz necessária para desvinculá-lo do uso cotidiano com o sentido utilitário e pejorativo (homem prático, resultados práticos). “A elaboração de um conceito filosófico da atividade prática precisa libertar-se desse significado que quase sempre vem associado, na linguagem corrente, aos vocábulos ‘prática’ ou ‘prático’.”

“O homem comum e corrente se encontra numa relação direta e imediata com as coisas – relação que não pode deixar de ser consciente –, mas nela a consciência não distingue ou separa a prática com o seu objeto próprio, para que este se apresente diante dela em seu estado teórico, isto é, como objeto de pensamento.” (Vázquez, 1977, p.10).

O conjunto de artigos aqui apresentados refletem sobre de processos de criação e elaboração nas áreas de artes plásticas, teatro, criação editorial, escultura, publicidade, cinema, psicologia e crítica de arte. São esforços no sentido de expandir o conhecimento sobre a ação criativa e a dinâmica entre aquilo que se aprende com a experiência e a experiência que traz dados para a reflexão.

Laís Guaraldo